


Da construção historiográfica de Couto: os trabalhos forçados do editor

View metadata, citation and similar papers at core.ac.uk

brought to you by  **CORE**

provided by Repositório da Universidade Nova de Lisboa

O processo de composição e as peculiaridades do discurso historiográfico de Diogo do Couto (1542-1616) estão na base do presente artigo. Com ele, visamos suscitar uma reflexão em torno dos desafios colocados ao editor dos textos de Couto, tendo em vista uma fixação dos mesmos tão próxima quanto possível da forma saída das mãos do cronista ou daquela que ele tinha intenção de fazer chegar à leitura pública.

1. A obra historiográfica de Couto: trabalhos de Sísifo, trabalhos de Hércules

A produção literária de Diogo do Couto, pode dizer-se, concentra-se nos últimos 20 anos de sua vida. Na verdade, quando, em 1595, com cerca de 53 anos de idade, foi nomeado para o cargo de cronista da Índia portuguesa só tinha composto o diálogo *O Primeiro Soldado Prático*,¹ e rascu-

R. M. Loureiro & M. A. Lima Cruz (ed.), *Diogo do Couto História e Intervenção de um Escritor Polémico* (Famalicão: Húmus, 2019), pp. 97-115 (ISBN 978-989-755-403-2).

* CHAM, FCSH – Universidade Nova de Lisboa.

¹ Publicado inicialmente por António Caetano do Amaral, na segunda parte da obra intitulada *Observações sobre as principais causas da decadência dos Portugueses na Ásia, escritas por Diogo do Couto, em forma de dialogo, com o titulo do Soldado Pratico*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1790, pp. 205 a 236. Recentemente, António Coimbra Martins na edição feita deste diálogo (Lisboa, Comissão Nacional para as

nhado alguns trabalhos de cariz histórico, como uma narrativa sobre a história dos portugueses no Oriente desde a aclamação de Filipe I neste império (o embrião da futura *Década Décima*), e possivelmente um *Comentário dos Lusíadas*, versando essencialmente matérias históricas do poema épico; este trabalho, inacabado e desaparecido, constaria de comentário a «tudo o que Vasco da Gama contou ao rey de Melinde da origem de Portugal e de seus reys e tudo o que aquella ninfa lhe mostrou na ilha de Santa Elena dos visorreys que avião de governar a India e todos os seus feitos».²

Mas, a partir da sua nomeação para o cargo de cronista da Índia e, simultaneamente, organizador e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa, Couto desenvolveu uma actividade literária infatigável. A um segundo diálogo *O Soldado Prático*³ e a um conjunto de orações escritas e proferidas nas tomadas de posse dos governadores / vice-reis ou em outros actos solenes na cidade de Goa,⁴ junta-se o grande volume do seu trabalho situado no campo historiográfico. É nesse campo em que se inscrevem as nove *Décadas da Ásia* – o seu *opus magnum* –, o *Tratado dos Gama*⁵ e a *Vida de D. Paulo de Lima Pereira*,⁶ e ainda outros escritos cujo paradeiro

Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001) fixou-lhe o título em *O Primeiro Soldado Prático*.

² *Década Oitava*, liv. V, cap. 9, p.472, editada in Maria Augusta Lima Cruz, *Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia*, Lisboa Imprensa Nacional/Casa da Moeda, colecção “Mare Liberum” da CNCDP, vol. I (1993).

³ A primeira edição levado a cabo por António Caetano do Amaral, *ob. cit.*, pp. 1-204. Seguir-se-iam as edições de Manuel Rodrigues Lapa (Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1934) e de Ana Maria García Martín (Coimbra, Angelus Novus, 2009), ambas assentes em manuscrito parcialmente autógrafo e ambas sob título *O Soldado Prático*.

⁴ Cf. *Diogo do Couto orador. Discursos oficiais proferidos na Câmara de Goa*, edição de M. Augusta Lima Cruz, Rui Manuel Loureiro e Nuno Vila-Santa, Albufeira / Portimão, Arandis / ISMAT, 2016.

⁵ Nome por que é vulgarmente conhecido este Tratado, cujo título completo é: *Tratado de todas as cousas socedidas ao valeroso capitão Dom Vasco da Gama primeiro Conde da Vidigueira: Almirante do mar da India: no descobrimento, e conquistas dos Mares, e Terras do Oriente: e de todas as vezes que ha India passou, e das cousas que socederão nella a todos seus filhos*.

Dele foi feita edição diplomática, assente numa das cópias manuscritas conhecidas: *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, introdução, leitura e glossário de José Manuel de Azevedo e Silva e João Marinho dos Santos, Lisboa, Cosmos, 1998.

⁶ Da *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* estão localizadas quatro cópias manuscritas e, até à data, saíram duas edições (1765 e 1903), as quais não incluem todavia as seguintes peças liminares dos códices: epístola dedicatória de Couto a D. Ana de Lima Pereira, irmã do biografado, datada de 10 de Novembro de 1611; dois sonetos, um dos quais, pelo menos, da autoria de Couto.

se desconhece: um *Tratado das Fortalezas*, um *Epílogo da História da Índia*, e uma *História da Etiópia*, obra em que refutava o livro sobre o mesmo reino publicado em 1610 por Frei Luís de Urreta. Sublinhe-se, por último, o facto de, no âmbito desta produção historiográfica, Diogo do Couto ter também cultivado um outro subgénero literário, o das relações de naufrágio, sendo provável terem algumas delas circulado como peças avulsas. Assim parece ter acontecido com as relações de naufrágio das naus *Águia* e *Graça* (1559 e 1561) e com a da nau *S. Tomé* (1589). Nessa condição, viriam a ser publicadas por Bernardo Gomes de Brito na *História Trágico-Marítima* (1735-1736).⁷

A hercúlea tarefa de Couto ganha ainda mais significado quando sabemos que, por força de acidentes vários, ele se viu obrigado a reescrever muitos dos seus livros. Com efeito, no respeitante a obras historiográficas até hoje localizados ou referenciadas, são conhecidas várias versões. Vejamos:

- Duas ou três versões da *Década Sétima*:

Da *Década Sétima*, além da edição *princeps* (Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1616) saída ainda em vida do autor, conserva-se uma outra versão manuscrita, inédita, no Arquivo da Torre do Tombo (Mss. Livraria 536); trata-se de um original parcialmente autógrafo, com várias diferenças relativamente à versão impressa: excertos cortados pela censura, páginas com palavras riscadas ou por outras substituídas (Cf. António Baião, *Diogo do Couto. Décadas*, selecção prefácio e notas de ..., volume I, Lisboa, 1947, pp. CVI-CXIII); este texto é provavelmente testemunho da primeira redacção desta *Década*, enviada por Couto para Portugal em 1601, e apreendida, aquando da captura do galeão *Santiago* em que seguia pelos Holandeses. Por último, um outro manuscrito, um original copiado pelo secretário de Couto e por ele autenticado; ainda inédito, conserva-se no fundo «Manuscritos de Charles Boxer» (Portuguese Mss, 3) da Lilly Library, Universidade de Indiana; segundo C. Boxer, apresenta diferenças relativamente à edição *princeps* e ao manuscrito inédito da Torre do Tombo. Está por fazer um cotejo deste manuscrito com a edição *princeps*, mas possivelmente tratar-

⁷ A relação das naus *Águia* e *Graça* colhe, arranjada, na *Década Sétima*; já a relação da nau *S. Tomé* corresponde aos últimos capítulos da *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* e, supõe-se, faria parte da *Década Undécima* extensa, desaparecida.

se-á do texto da segunda redacção ainda sem as intervenções de Frei Adeodato da Trindade, frade que, em Lisboa, fazia oficiosamente a revisão das *Décadas* preparando-as para a impressão.⁸

- Duas versões das *Décadas Quinta* e *Oitava* e, provavelmente, da *Nona*:

De *Década Quinta*, além da edição *princeps* (Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1612), saída também em vida do autor, Marcus de Jong veio a descobrir, em 1934, na Biblioteca da Universidade de Leida um outro manuscrito, cujo texto seria, segundo este investigador, cópia de uma segunda versão desta *Década*, escrita pelo cronista, com a vantagem de não ter as intervenções de correctores e censores impostas à edição *princeps* de que se desconhecem original ou cópias. Cf. *Década Quinta da Ásia*. Texte inédit, publié d'après un manuscrit de la Bibliothèque de l'Université de Leyde par Marcus de Jong. Coimbra Imprensa da Universidade, 1937.

Quanto à *Década Oitava*, uma versão resumida desta *Década*, em volume duplo com o resumo truncado da *Década Nona*, conserva-se na Torre do Tombo (Mss. Livraria 613), um original parcialmente autógrafo; além deste original, conhecem-se 10 cópias, todas em códice duplo, e foram feitas três edições (1673, 1736 e 1786). Segundo Couto, estes resumos foram por ele elaborados para colmatar roubo das respectivas versões integrais. Já no séc. XX, viriam a ser descobertas duas cópias manuscritas (Biblioteca Pública Municipal do Porto, ms. 839 e Biblioteca Nacional de Madrid ms. 2980) que provavelmente não reproduzem a versão integral supostamente roubada, mas sim um conjunto de materiais organizados e já arrumados em livros e capítulos (variando assim das versões resumidas só subdivididas em capítulos) visando a composição e redacção

⁸ Frei Adeodato, frade agostinho e cunhado de Couto, vivendo no Convento da Graça em Lisboa, funcionava como uma espécie de editor a quem Couto enviava as suas *Décadas* para as rever e prepará-las para a impressão. Mas, Frei Adeodato não se limitou a essa tarefa. Na prática, a sua intervenção traduziu-se, em muitos casos, por modificações na ortografia, na sintaxe, no léxico, passos censurados, capítulos inteiros acrescentados, discursos intercalados. Sobre o assunto, ver Ana Dulce Ribeiro Carocha de Seabra, *No Princípio era o Texto: Contributo para a Edição do Texto de Digo do Couto da Década X*, tese de mestrado policopiada, Lisboa, Faculdade de Letras, 1993, pp. LVI-LXXVI e, da mesma autora, «Adeodato da Trindade (Frei)», *Biblos*. vol. 5 (apêndice), 2005.

finais de uma Década extensa. Cf. Maria Augusta Lima Cruz, *Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia*, Lisboa Imprensa Nacional/Casa da Moeda, colecção “Mare Liberum” da CNCDP, vol. II, 1994, «Um estado da Década 8ª», pp. 37-41.

No respeitante à *Década Nona*, a darmos crédito mais uma vez ao testemunho do próprio Couto, dela teria composto uma versão integral, também roubada, além da versão resumida e truncada desta mesma Década, acima referida, que chegou até nós.

- Por último, duas presumíveis versões da *Década Undécima*:

Esta Década teria ficado concluída em 1611, tendo no final deste ano ou no início do seguinte sido enviado para o Reino o respectivo texto o qual entretanto levou sumiço. Sendo provável que da mesma Década tenha ainda elaborado uma versão resumida. É essa a suspeita levantada por A. Coimbra Martins, resultante da descoberta e estudo de manuscrito conservado na Biblioteca de Viseu (26-I-37). Este, embora similar ao resumo elaborado pelo editor Nicolau Pagliarini (Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1786), está eivado de expressões indiciadoras de autoria do próprio Couto.⁹

2. A composição historiográfica: uma manta de retalhos

O constante escrever e reescrever dos seus próprios livros mais a rapidez posta na execução destas tarefas explicam-se em grande parte pela metodologia de trabalho de Diogo do Couto, nomeadamente no respeitante ao processo de composição e ao modo como se apropriava das fontes escritas seleccionadas. Uma obra historiográfica de Couto é fundamentalmente uma compilação de um conjunto heterogéneo de materiais. Uma espécie de «manta de retalhos» onde se entrecem recortes de obras de outros autores ou de apontamentos anteriormente elaborados pelo próprio Couto, diplomas e documentos de arquivo, memórias do que testemunhou ou ouviu contar, testemunhos orais de várias procedências. Naturalmente, o peso deste tipo de recursos varia em função dos arco temporal coberto pelas narrativas. Em obras, como as *Décadas da Ásia* mais antigas ou o *Tratado dos Gama*, denota-se um predomínio de fontes escritas. Já naquelas que cobrem os tempos em que Couto vivia na Índia, ou seja, a *Década sétima* e seguintes e a *Vida de D. Paulo*

⁹ António Coimbra Martins, «Em busca da Década 11», *Em torno de Diogo do Couto*, pp. 97-124. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1985.

de Lima Pereira, articulando-se com as fontes escritas, é manifesta a presença de lembranças e testemunhos verbais cuja marca, imprimindo uma certa oralidade à escrita, está patente nas constantes fundamentações do relato apoiadas em expressões como: "contaram-me", "ouvi dizer", "ouvi contar", "disseram-me", "me disse", "com quem eu falei muitas vezes"; ou "afirma-se", "conta-se", "ouvido publicamente", "achado na boca dos homens".

Em suma, um mosaico assente, com mais ou menos habilidade, em função de coordenadas espaço-temporais, no caso das Décadas, ou do fio condutor de uma vida ou de uma linhagem familiar, nos casos da *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* e no *Tratado dos Gama*, respectivamente. Exercício cujo resultado é um somatório nem sempre bem organizado. Contrariamente a João de Barros, seu antecessor no ofício de cronista da Ásia portuguesa, Diogo do Couto não nos apresenta um trabalho elaborado, maturado, depurado do secundário. No seu discurso historiográfico, embora alicerçado em pontos de referência norteadores, a intriga vai-se tecendo ao correr da pena. Ao nível da redacção, dir-se-ia não ter havido tempo (ou paciência) para voltar atrás, para polir, retocar, dar a última demão. A evidente ausência de aprimoramento, patente também no modo como se servia das fontes escritas, deixa no leitor a sensação de estar perante um trabalho inacabado, com um travo de rascunho. Isto, mesmo nas obras cujos textos integrais são conhecidos ou naquelas que lhe mereceram mais de uma versão.

Estas fragilidades não obliteram as virtuosidades de um autor que, sem recurso aos ornamentos e à polidez de estilo de um bom escritor,¹⁰ tem a arte de saber contar, conquistando o leitor para a sua história, quantas vezes pitoresca e anedótica, graças a uma peculiar técnica narrativa. Soube ligar a diversidade dos materiais ao seu alcance introduzindo aqui e ali pequenos comentários, apartes, breves notícias autobiográficas, episódios da sua experiência pessoal, apontamentos de erudição geralmente colhidos na tradição clássica. Soube também aligeirar o discurso para, usando as suas próprias palavras, tornar a "história menos enfadonha". Por exemplo, na fastidiosa sucessão de feitos guerreiros, acompanhada de longas enumerações dos participantes, dissemina incidentes

¹⁰ Na caracterização de A. Coimbra Martins: «Frase pesada, período longo que colhe novo fôlego, mediante articulações precárias, nos sítios onde devia resolver-se em pontos finais. Discurso abundante em repetições tanto de ideias como de termos», in «Sobre a génese da obra de Couto», *Arquivos do Centro Cultural Português*, VIII (1974), p. 133.

curiosos, ditos jocosos, sucintas informações biográficos que, em última análise, contribuem para amenizar a aridez das listagens. No mesmo sentido apontam outros artifícios capazes de fornecer vivacidade à narrativa, como quando, seguindo uma fonte escrita em discurso indirecto a traduz para o discurso directo, introduzindo falas ou diálogos, ou quando faz as suas tão características fugas para presente, projectando uma informação até ao tempo da escrita: «Antonio Toscano, que foi meu vizinho e tem inda oje filhas casadas em Goa», «Manoel de Mello Pereyra que oje está por capitão de Damão», «Francisco de Macedo que inda oje vive em Cochim, frade da ordem 3^a de S. Francisco, homem muito honrado». Artifícios que imprimem uma tonalidade vivencial ao narrado. Os protagonistas e os acontecimentos não são tratados como história morta, arrumada num demarcado e distante espaço de tempo, sem nada a ver com a contemporaneidade.

Por outro lado, demarcando-se da prática corrente na cronística da época, não se apoiava somente no testemunho de autoridades (capitães, fidalgos, embaixadores, vice-reis). Diogo do Couto gostava de dar voz a outros estratos da população – vizinhos, amigos, artífices, soldados, renegados, prisioneiros e até, esporadicamente, mulheres –, o que lhe permite dar-nos uma versão menos convencional e mais humanizada. Assim, no relato do sucesso guerreiro não se fica pelas linhas de força gerais, vai ao pormenor do vivido pelos mais diversos protagonistas, na confusão de uma batalha, no recôndito de um barco, no quotidiano de uma armada. Também os blocos temáticos dedicados exclusivamente à história dos povos asiáticos – geralmente encaixados no chamado «inverno» quando, fechados os portos da Índia, não havia muito a contar no tocante à gesta guerreira portuguesa – surgem como formas de entretenimento do leitor «pera maior gosto da historia, e passatempo dos que a lerem».¹¹

Contribuem também para reforçar esta informalidade da escrita, as constantes intervenções pessoais, numa quase conversa com o leitor. Apesar de se propor contar a história dos portugueses na Ásia, Couto não consegue reprimir-se nem contentar-se com o relato simples e objectivo; não consegue distanciar-se do narrado como seria suposto fazer enquanto cronista. Temo-lo assim como uma voz sempre presente: comenta, desabafa, diz de sua justiça, denuncia, toma partido, entusiasma-se. Frequentemente foge ao passado narrado para, a propósito, comentar o presente. Por vezes mesmo irrita-se, protesta e exalta-se,

¹¹ Diogo Do Couto, *Década Duodécima*, liv. IV, cap. 4, p. 375 da edição da Régia Oficina Tipográfica (Lisboa, 1788)

sentindo-se «a pregar no deserto»! Neste seu constante e tão característico modo de opinar, sobressai a crítica acerada que não poupa ninguém, mesmo quando deixa a ameaça no ar: «enfim bom é não passar daqui por não culparmos reys, ministros e visorreys...» ou pela advertência «cuido que me não sabem o nome, mas eu sei-o a todos..». Uma prática, no mínimo, inesperada por parte de quem se propôs, em especial nas *Décadas*, contar «os raros e espantosos feitos» dos vassallos do rei de Portugal na Índia, coisa que também fez, de facto, no essencial. Mas não se coibiu de também e numa espécie de contra-discurso pôr a nu o avesso dessa mesma gesta heróica, denunciando cobicças, covardias e fraquezas. Atitude que, no quadro deste género narrativo, se reveste ainda de maior gravidade, pois é assumida pessoalmente, sem necessidade de endossá-la a um qualquer anónimo «soldado práctico». É próprio Couto – o cronista oficial da Ásia! – que critica, acusa e denuncia. Neste comportamento estará porventura a explicação para o acidentado destino dos seus livros.¹²

Além dos vários incidentes que o obrigaram a reescrever algumas das suas obras, delongas e estranhas ocorrências no processo de impressão das mesmas. Para a *Decada Quinta*, 14 anos de espera após o seu envio para o Reino, e 13 para as *Décadas Sexta* e *Sétima*. A *Sexta* não sem contratempos, pois um incêndio na tipografia destruiu todas as suas folhas de portada, sendo que as sucessivas cópias do frontispício pelo impressor Pedro Crasbeeck explicam termos exemplares datados de 1612 e outros de 1614 e na sua maioria defeituosos, uns truncados, outros completados com folhas adventícias

3. A apropriação de escritas alheias: formas de presença

Subjacente ao discurso historiográfico de Couto, há muito, mesmo muito, de presença de outros autores. Como em tantos escritores seus contemporâneos, também nele se detecta um tipo de intertextualidade caracterizada pela «absorção ou transformação» de citações, de ima-

¹² A este propósito, escrevia Rodrigues Lapa, em 1937, «o singular destino dos livros de Diogo do Couto é das coisas mais extraordinárias da literatura portuguesa»; já, anos antes, Georges Le Gentil não hesitara em afirmar: «une sorte de fatalité pèse sur son oeuvre trop vulnerable par un excès de franchise».

gens, de sentenças, de frases feitas etc.¹³ Estudos, ainda que pontuais, confirmam estas presenças, não só no Couto-cronista mas também no Couto-escritor de intervenção. A Coimbra Martins sinaliza vários passos da *Década Quarta* bebendo na obra de Luís de Camões, em especial n'*Os Lusíadas*.¹⁴ E ao analisar o diálogo d' *O Soldado Prático*, texto de um outro género praticado por Couto, M. Vitalina Leal de Matos alcança conclusão semelhante, considerando-o mesmo um texto de inspiração camonianiana.¹⁵

Esta dispersa e discreta impregnação do alheio na sua escrita não deve confundir-se, porém, com o resultado decorrente de uma técnica praticada por Couto na elaboração das suas peças historiográficas. Aí, ao recorrer a obras de autores que antes dele escreveram sobre os mesmos assuntos, ele utiliza-as como materiais de trabalho, ou seja, como fontes. Por via de regra, extrai quase em «estado bruto» trechos, por vezes até capítulos dessas obras, enxertando-os na sua narrativa. Numa palavra, copia-os literalmente ou parafraseia-os. Um tal aproveitamento da obra alheia deixa-nos a sensação de que, talvez por trabalhar de modo apressado, Couto, à medida que a ia lendo, utilizava directamente os fragmentos julgados úteis, com a preocupação de cortar, por vezes abreviar, quanto não lhe interessava, num exercício de transposição que era já a sua própria composição historiográfica. A título de exemplo, veja-se excerto do *Tratado dos Gama* colhido da *Crónica de D. Manuel* de Damião de Góis, evidenciando a itálico, o corte operado entre duas transcrições quase literais, apresentadas em sublinhado:

¹³ E. Asensio, «Para uma nueva edición crítica e comentada da le "Comédia Eufrosina" de Jorge Ferreira de Vasconcelos», *Critique Textuelle Portugaise*, Actes du Colloque; Paris, 20-24 Octobre 1981; Paris Fundação C. Gulbenkian, 1986, pp. 179-184.

¹⁴ A. Coimbra Martins, «Introdução à leitura da *Década Quarta*», in Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, edição crítica e comentada, coordenação de M. Augusta Lima Cruz, fixação do texto por Ana Dulce de Seabra, Cristina Maria Serafim, M. Augusta Lima Cruz, M. do Rosário Laureano Santos e Rui Loureiro, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos / Fundação Oriente / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, vol. I, pp. XXIX-XXXV.

¹⁵ M. Vitalina Leal de Matos, «Camões lido por Diogo do Couto no 'soldado práctico'», *IV Reunião Internacional de Camonistas - Actas*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1984, pp. 359-372

Damião de Góis, *Crónica D. Manuel*, cap. 36

Pelo que logo Vasco da Gama mandou a Nicolau Coelho, por a sua nau ser pequena, que fosse diante sondando até aquela ilha, donde os barcos saíam. Os dos barcos tanto que viram as naus, se chegaram a elas, e as foram seguindo até que ancoraram, tangendo anafis, e outros instrumentos que se já pareciam mais com os nossos, que os das terras em que tocaram. A gente destes barcos era baça, de bons corpos, vinham vestidos de panos de algodão listrados, e nas cabeças traziam umas toucas, foteadas com vivos de seda, lavrados de fio dourado, e terçados mouriscos cingidos, com adargas no braços..

Diogo do Couto, *Tratado dos Gama*, parte I, cap. 3

Vasco da Gama mandou a Nicolau Coelho por ser a sua nau mais pequena que fosse diante sondando a ilha donde os barcos saíam.

As gentes dos barcos era baça e de bons corpos, vinham vestidos de panos de algodão listrados e nas cabeças traziam toucas foteadas com vivos de seda, lavradas de fio dourado, terçados cingidos e adargas nos braços..

Estes cortes salteados obedeciam à preocupação de reduzir a extensão do modelo seguido para, usando a sua terminologia, evitar prolixidades. No entanto, tais cerceamentos ou, eventualmente, resumos não o coíbiam de intercalar no texto que ia compondo comentários ou apartes da sua lavra ou de disseminar, sobretudo ao versar episódios bélicos, expressões dramatizadores do sucesso tão a seu gosto, como: «altas cavalarias», «áspera batalha», «valerosamente», «fazer maravilhas», «suas gritas» etc.

No respeitante às *Décadas da Ásia*, Rui Loureiro identificou, Década a Década, várias das fontes orais e escritas utilizadas por Couto; sobre o que é das fontes escritas fornece inclusivamente amostragens contemplando dezenas de textos de que Couto se apropriou. Esta obra de Rui Loureiro, referência fundamental para os estudos coutianos, é precioso instrumento de trabalho para o editor da obra historiográfica deste cronista¹⁶. Outros estudos, centrados numa ou noutra obra de Couto, têm também alertado para situações da mesma natureza, avolumando o seu aprofundamento e lançando novas pistas. Entre outros, e há já largos

¹⁶ Rui Manuel Loureiro, *A Biblioteca de Diogo do Couto*, Instituto Cultural de Macau, 1998

anos, G. Shurhammer¹⁷ localizou em vários capítulos da *Década Quinta* reproduções *ipsis verbis* de informações sobre história dos reis de Ormuz e de Ceilão e sobre religião hindu contidas numa «Relação do Estado da Índia», atribuída ao frade agostinho Frei Agostinho de Azevedo.¹⁸ António Coimbra Martins, numa leitura introdutória à *Década Quarta* de Couto, não hesita em caracterizar como «um grande plágio» os decalques das obras de outros autores, sobretudo de Gabriel Rebelo, nesta *Década*. Nos exemplos por ele relevados, sobressai ter Couto utilizado preferencialmente os trabalhos de Gabriel Rebelo, António Galvão e até Garcia da Orta¹⁹ para a descrição de terras, costumes e povos. Já no respeitante a matérias relacionadas com sucessos militares e políticos a sua principal fonte foi Fernão Lopes Castanheda.²⁰ A ele foi ainda buscar os diplomas oficiais e documentos avulsos transcritos, constatação que leva A. Coimbra Martins a considerar ter sido a obra de Castanheda o principal «arquivo» de Couto para o tempo da *Década Quarta*.²¹ Já anteriormente eu própria fizera exercício semelhante relativamente à *Década Oitava*. Concluindo sobressaírem, de entre as fontes escritas dispersamente utilizadas por Couto, duas mais continuamente seguidas para a composição desta *Década*. São elas: a «Relação dos feitos eroicos em armas que Sancho da Vasconcelos fez nas partes de Amboyno e Maluco...»²² para os capítulos sobre as Molucas e acção de Gonçalo Pereira Marramaque nos Mares do Sul, nos anos 1566-1571; e a *Historia da India no tempo em que a o visorrey D. Luis de Ataide* de António Pinto

¹⁷ Georg Schurhammer, *Francisco Javier – Su vida y su tiempo*. Pamplona: Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús & Arzobispado de Pamplona, 1992 (1ª ed., em alemão, 1955-1973), 4 vols., vol. 3, pp. 564-571

¹⁸ «Relação do Estado da Índia» pub. in *Documentação Ultramarina Portuguesa*, ed. António da Silva Rego (ed.),. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960, vol. I, pp. 197-263.

¹⁹ Gabriel Rebelo, «Informação das Cousas de Maluco», obra de que se conhecem duas versões (1561 e 1569); pub. Artur Basílio Sá, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente - Insulíndia*, Lisboa Agência Geral do Ultramar, vol. 3 (1955), 345-508, e vol. 6 (1988), pp. 161-294; António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, Lisboa, João Barreira, 1563; Garcia da Orta, *Colóquios dos simples e drogas (...)*, Goa, Joannes de Endem, 1563.

²⁰ Fernão Lopes de Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares, 1551-1561.

²¹ A. Coimbra Martins, «Introdução à leitura da *Década Quarta*», ed. cit., pp. XII-CXXI, especialmente, pp. XL-LI e CII-CV.

²² BNP, FG-474, pub. A. Basílio Sá, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente - Insulíndia*, Lisboa Agência Geral do Ultramar, 1954-1958, vol. IV, p. 164 e sgs.

Pereira²³ para os capítulos sobre os cercos a Chaul e Goa de 1570-1571. Do cotejo destes dois textos com os passos correspondentes na Década, concluí ter Couto adoptado estratégias de tratamento diferenciadas. Assim, apropriou-se mais da «Relação dos feitos eroicos...», a qual seguiu ao pé da letra, não só na importação de trechos mas também na estrutura das sequências narrativo-descritivas. Já no respeitante ao segundo texto, a *História* de António Pinto Pereira, apesar das grandes afinidades textuais captadas, verifica-se ter sido Couto mais interveniente: em vez de fazer cortes, teve o cuidado de resumir, elaborando a sua própria síntese; de igual modo, deu-se ao trabalho de reordenar a narrativa, procedendo a compartimentações de blocos temáticos e arrumando-os de acordo com as coordenadas de uma Década. A explicação para estes dois modos de actuação poderá estar na tipologia desses textos. A «Relação dos feitos eroicos ...» foi escrita por alguém – «hum curioso que a ellas foy» (às ilhas Molucas) – que presenciou os sucessos narrados e conheceu os locais. Um testemunho escrito em primeira mão, muito valorizado por Couto, porque «vio estas cousas com seus olhos», não hesitando por isso em decalcá-lo. Já a *Historia da India* é uma narrativa, uma crónica, composta por António Pinto Pereira a partir de vários materiais, um testemunho em segundo mão de que ele se aproveita. Em suma, indícios de distintas opções de tratamento segundo a tipologia das fontes seleccionadas, suspeita que só futuros estudos com base de apoio mais ampla poderão confirmar ou infirmar.²⁴

Diga-se em abono da verdade que o que Couto fez em relação à escrita alheia fê-lo também em relação à sua própria escrita. Neste particular, o exemplo mais paradigmático é o *Tratado dos Gama*. Na I parte, sobre as viagens de Vasco da Gama à Índia, recorreu, segundo as suas próprias palavras,²⁵ à *Crónica de D. Manuel* de Damião de Góis e às *Décadas Primeira* e *Terceira* de João de Barros, que já corriam em letra de forma. Engenhosamente, colheu nestas duas obras expressões, imagens ou frases, umas vezes parafraseando, outras copiando, e graças a uma hábil articulação das respectivas narrativas, conseguiu até trabalhar as duas

²³ A publicação desta obra iniciou-se em 1586, interrompeu-se e só veio a concluir-se 30 anos depois (Coimbra, Nicolao Carvalho, 1616). Sabe-se, no entanto, que antes desta primeira edição completa circularam cadernos impressos a que Couto teria tido acesso, pois não esconde no corpo da Década conhecer a obra deste autor.

²⁴ M. Augusta Lima Cruz, *Ob. cit.*, vol. II (1994), pp. 318-344.

²⁵ O próprio Couto o confessa na epístola dedicatória deste *Tratado* dirigida a D. Francisco da Gama, bisneto de Vasco da Gama, ao escrever «as cousas do conde vosso visavo (*refere-se a Vasco da Gama*) das trez vezes que a India passou, tirey de Damião de Gois algũas, maz a mor parte de João de Barros a quem sigo em muitas couzas ao pé da letra», *Tratado*, ed. cit. p. 22.

em simultâneo, como ilustra o exemplo abaixo, no qual as partes colhidas em Barros aparecem sublinhadas e, a negrito, as retiradas de Damião de Góis:

| Damião de Góis, <i>Crónica D. Manuel</i> , cap. 41 | João de Barros, <i>Década 1ª</i> , liv. IV, cap. 8 | Diogo do Couto, <i>Tratado dos Gama</i> , pt. I, cap. 8 |
|--|--|--|
| Nesta ordem chegaram aos paços onde el rei estava (...) | <u>Entraram todos em uma grão casa térrea em que estava aquele grão Samorim da província do Malabar por eles tão desejado de ver</u> | <u>Entraram em uma grande casa térrea onde os esperava aquele grande Samorim, imperador da província Malabar e tão nomeado na Europa, que eles tanto desejavam ver.</u> |
| El rei estava em uma sala grande, cercada ao redor de assentos de pau mui bem lavrados, aleventados uns dos outros ao modo de coro , ou teatro, os quais se encheram logo de Caimais e Naires. O chão desta sala era todo coberto de veludos verdes e as paredes armadas de panos de seda e ouro de cores. El rei estava <i>lançado</i> em um catel (que são leitos como que de campo), coberto de um pano de seda branca e ouro bem lavrada | (...) o qual estava <u>no cabo da casa em uma camilha coberta de panos de seda, posto em um leito, a que eles chamam catle, e ele vestido com um pano de algodão brunido com algumas rosas douro batido semeadas por ele, e na cabeça uma carapuça de brocado alta à maneira de mitra cerrada</u> | <u>Aquela casa estava cercada em redor de assentos de pau bem lavrados, aleventados uns dos outros a modo de coro e por eles assentados todos os seus Caimais e Regedores. O chão da casa estava todo coberto de veludos verdes e as paredes armadas de panos dourados.</u> <u>No cabo dela estava o Samorim lançado em uma camilha coberta de panos de seda e ele vestido de outro de algodão brancos brunidos com algumas rosas douro do mesmo teor; na cabeça uma capuça de rolos, brocado alto à maneira de mitra cerrada..</u> |

Quanto à II parte deste *Tratado*, versando a actuação dos filhos de Vasco da Gama na Ásia, limitou-se a copiar o que ele próprio escrevera sobre o assunto nas suas *Décadas Quarta, Quinta e Sexta*.²⁶ Rigorosamente, recortou passos, capítulos ou troços de capítulos destas *Décadas*, deles se servindo para montar o *Tratado*. A ponto de tornar impossível uma apresentação de exemplos, pois toda narrativa é uma transposição das referidas *Décadas*. Nesses recortes, colheu somente os períodos em que os filhos de Vasco de Gama exerceram cargos de chefia – de expedições militares (D. Cristóvão na Etiópia), de fortalezas (D. Paulo, D. Estevão e D. Pedro da Silva, em Malaca) e do Estado da Índia (D. Estevão da Gama, governador) – deixando cair episódios soltos, narrando viagens ou participações destes em campanhas militares. Por outro lado, o objectivo de celebrar o nome dos Gama na Ásia, levou-o a não transferir um ou outro trecho abordando actuações menos edificantes envolvendo membros desta família. Sintetizando, pode afirmar-se que, de um modo geral e em termos de informação, tudo o que está na II parte do *Tratado dos Gama* está também ao pé da letra nas *Décadas* supracitadas, mas nem tudo que está nestas *Décadas* se encontra no *Tratado*.²⁷

Quanto à *Vida de Paulo de Lima Pereira*, ainda está por fazer o cotejo exaustivo desta biografia com os passos correspondentes nas *Décadas Sétima a Décima*, e falta-nos a desaparecida *Década Undécima*, termo de comparação com o grosso desta biografia. Nas partes correspondentes ao tempo da *Década Oitava*, as versões conhecidas, embora não sejam integrais, permitem concluir que Couto fez selecção e cópia das matérias relativas à actuação deste fidalgo. Deduz-se, por isso, ter adoptado para as restantes metodologia similar àquela utilizada na composição do *Tratado dos Gama*. Nesse sentido aponta a rapidez na execução deste trabalho (cerca de dois meses), mas também a circunstância de, na epístola preliminar dirigida a D. Ana de Lima Pereira, irmã do biografado, o próprio Couto dizer explicitamente não ter feito mais do que recorrer ao que já tinha escrito. Aliás, para aí aponta a sobrevivência, no texto da *Vida de D. Paulo*, de remissões a várias das suas *Décadas da Ásia*, remissões que desmentem a autonomia de uma obra que se pretendia apresentar como uma biografia.

²⁶ Mais uma vez é Couto que o esclarece, na continuação da epístola dedicatória citada na nota anterior: «as mais (*entenda-se, das cousas*) de seus filhos forão tiradas daz minhas Decadas onde Vossa Senhoria as leo em fim de as aprovar».

²⁷ M. Augusta Lima Cruz, «O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto», *Oceanos*, Lisboa, CNCDP, n.º 33 (Janeiro/Março de 1998), pp. 117-134.

4. Dos percalços de quem copia à funcionalidade das fontes escritas

Compreensivelmente, ao lançar-se no exercício de copiar textos alheios ou por ele previamente redigidos, Couto corria o risco de cair nos erros inerentes a essa actividade: *lapsus calami*, lacunas de sentido, saltos do mesmo ao mesmo (homeoteleutos), erros de decifração ou motivados por distração, cansaço etc. Os quais poderiam ocorrer nos próprios originais, uns total ou parcialmente autógrafos, outros autenticados por Couto mas das mãos dos amanuenses que o auxiliavam. No quadro abaixo, assinala-se um salto do mesmo ao mesmo em original da versão resumida da *Década Oitava*, precisamente num trecho da letra do próprio Couto, detectável por via da sua comparação com a fonte por ele seguida, a já citada «Relação dos feitos eroicos», e com a versão da mesma *Década* contida nas cópias manuscritas do Porto e Madrid:

| «Relação dos feitos eroicos», p. 220 da ed. de Basílio Sá | <i>Década Oitava</i> , versão Porto-Madrid, p. 440, vol. I (1993) da ed. M. Augusta Lima Cruz | <i>Década Oitava</i> , versão resumida, fl. 62v, ms. 613 (original) da Torre do Tombo, |
|--|---|---|
| «E como era escuro, e não havia vegias mais que nos baluartes, e de huns a outros avia grande distancia, abrirão as taipas e as romperão, sem serem sentidos e de mão negada as <u>entrarão</u> . E como estiverão dentro, acometeram aos baluartes e os <u>entrarão</u> , matando todos os portugueses» | «e assi hũa noite escura cometerão, e com muitos picões a derrubarão e <u>entraram</u> dentro, e foram demandar a fortaleza e cometerão hum beluarte o qual logo <u>entrarão</u> , e matarão os portugueses que nelle avia» | «e asy hũa noite escura cometerão a çerca e com muitos picões a derrubarão e <u>entrarão</u> e matarão os portugueses que nele ⁽¹⁾ avia» ⁽¹⁾ Última letra de «nele» bastante rasurada, dir-se-ia ser um «a» corrigido para um «e». |

Há, além disso, outro género de faltas, captáveis não só em originais mas também em cópias ou em testemunhos de que só se possui o impresso, cuja origem está no pouco cuidado posto por Couto no aproveitamento e tratamento dos materiais escritos de que se servia. Isso acontece, sobretudo, quando, face ao problema de encaixe de um texto demasiado longo no corpo da sua narrativa, ele resolve, como já foi sublinhado, cortá-lo entremeadamente, não se dando sequer ao trabalho de confirmar se os troços por ele seleccionados e transpostos para a sua narrativa se articulavam entre si. Em resultado destas operações, somos confrontados com

situações em que nos dá como contados episódios que de facto o não foram, pois ficaram nos tais pedaços que achou por bem eliminar ou não aproveitar. A título de exemplo:

Na *Década Oitava*, a propósito dos conflitos entre Portugueses e Itos na Molucas, afirma-se a dada altura que estes se arrependeram da vassalagem dada aos portugueses. Mas, para trás, nada disse sobre o assunto, sendo necessário ir à fonte escrita seguida para compreender, pois a notícia sobre essa vassalagem aparece num dos trechos que Couto inadvertidamente cortou.

Obviamente, são lapsos imputáveis a quem seleccionou os materiais a importar, no caso o próprio cronista, captáveis também em testemunhos decorrentes da transmissão textual.

No *Tratado dos Gama*, cujos testemunhos manuscritos conhecidos são cópias, e em que a II parte, como se viu, foi «armada» com capítulos e partes de capítulos que recortou das suas *Décadas*, a dada altura, ao importar para este *Tratado* troço do cap. 6 do liv. VIII, da *Década Quinta*, cobrindo o tempo de governo da Índia por D. Estevão da Gama, Diogo do Couto salta toda uma relação sobre os reis de Chaul. Acertadamente, pois tratava-se de matéria sem cabimento na narrativa dos feitos deste governador. Só que, inadvertidamente, esqueceu-se de transpor informação essencial, inserta no final desta relação, sobre reforços militares por ele enviados para seu irmão, D. Cristóvão da Gama, comandante de expedição destacada para socorrer o Preste João. Este lapso acaba por afectar manifestamente a inteligibilidade da narrativa subsequente, pois ao retomar mais adiante a campanha de D. Cristóvão na Etiópia, dá como adquirida uma informação que, de facto, não passara para o corpo do referido *Tratado*.

Naturalmente, nos casos em que só são conhecidas cópias ou as edições *principes* saídas em vida de Couto (*Década Quarta*, primeira versão da *Década Quinta* e *Década Sexta*), difícil se torna decifrar, no conjunto de lições faltosas evidentes, os erros de transmissão imputáveis a Couto ou aos seus secretários, enquanto «copiadores», daqueles que são da responsabilidade das sucessivas mãos por que posteriormente passaram esses originais: copistas, correctores, revisores e, no final da cadeia, tipógrafos. Sejam da responsabilidade de uns ou de outros, o certo é que o seu cotejo com as fontes seguidas permite detectá-los e corrigi-los.

Entre as muitas ocorrências relevadas, refira-se lapso deste tipo (troca de «sardos» por «surdos», em passo sobre o albinismo dos Papuas) na edição *princeps* da *Década Quarta* e suas subseqüentes edições, cuja rectificação foi possível, na recente edição crítica desta *Década*, graças à colação com a fonte que estava a ser seguida, no caso a «Informação das cousas de Maluco» de Gabriel Rebelo:

| Gabriel Rebelo, «Informação das cousas de Maluco», vol. VI, p. 201 da ed. Basílio Sá | <i>Década Quarta</i> , edição <i>princeps</i> (1602), fl. 136c e eds. subseqüentes | <i>Década 4ª</i> , edição crítica (1999), vol. I, p. 385. |
|--|---|---|
| «Ha entre elles (os Papuas) alguns, mui brancos e <u>sardos</u> , que não vem com o sol» | «Antre elles (os Papuas) ha alguns tão alvos e louros, como Alemães, e com o sol são como çegos: ha antree elles muitos <u>surdos</u> » | «Antre elles (os Papuas) ha alguns tão alvos e louros, como Alemães, e com o sol são como çegos: ha antree elles muitos <u>sardos</u> » |

Outras situações há em que o recurso ao texto decalcado desvenda lacunas insuspeitadas e decifra trechos de sentido obscuro. Confronte-se, a título de exemplo, trecho a parte I do *Tratado dos Gama*, com o da *Década Terceira* de Barros onde foi colhido, em que se sublinham dois saltos do mesmo ao mesmo e se assinala a negrito trecho grosseiramente deturpado:

| Barros, <i>Década Terceira</i> , ff. 228v/229 da edição <i>princeps</i> (1563) | Couto, <i>Tratado dos Gama</i> , parte I, p. 96 da edição de 1998 |
|---|---|
| «Dom Simão de <u>Menezes</u> filho de dom Rodrigo de Meneses, provido pera capitam de Cananor, e dom Jorge de <u>Menezes</u> , que fez aquelle hõnrado feto em Chaul quando matarã Diogo Fernandes de Beja (...) E dom Fernando de <u>Mõroy</u> , filho de dom Afonso de <u>Monroy</u> , craveiro que foy Dalcantara em Castela, que tambem ya provido de capitão de Goa» | D. Simão de <u>Menezes</u> que fes aquelle homrozo feito em Chaul quando mattarão Diogo Fernandes de Beja (...) D. Fernando de <u>Monroes Carvalho, da Cantra e Castello</u> provido com a capitania de Goa» |

Muitos outros exemplos de percalços, decorrentes dos diferentes graus da apropriação por parte de Couto da escrita alheia ou da sua própria, se poderiam dar.

Os exemplos dados, se bem que assentes em estudos mais aprofundados de algumas das suas composições historiográficas até hoje realizados, nomeadamente sobre a *Década Quarta*, as duas versões conhecidas da *Década Oitava* e o *Tratado dos Gama*, são indicadores suficientes da funcionalidade de que se revestem estas fontes ou ante-textos num processo de edição. No caso específico da edição crítica da *Década Quarta* de 1999, o seu cotejo com o único texto-base conhecido, a edição *princeps* desta *Década*, provou a sua utilidade em diversos campos: detecção de *lapsus calami*, resolução de problemas de transcrição ortográfica e de pontuação, correcção de erros, preenchimento de lacunas, esclarecimento de passos de sentido ambíguo ou obscuro.²⁸

Conclusão

Tendo a crítica textual como objectivo apresentar um texto o mais próximo possível do que estaria na vontade do seu autor, compreende-se pelo exposto a importância de que se reveste a tradição indirecta, no caso as fontes escritas, para a fixação dos textos de Couto. Na verdade, como julgamos ter provado, estas fontes são preciosos instrumentos de trabalho ao subministrarem soluções para correcção de erros evidentes ou insuspeitados, esclarecimento de lacunas, decifração de passos obscuros e mesmo resolução de dúvidas respeitantes à transcrição paleográfica. Sirva de exemplo, neste particular, a seguinte interrogação surgida, na recente edição da *Década Quarta*, em torno do significado em português e respectiva transcrição ortográfica da tradução da palavra Chitor (nome de cidade indiana). Considerando o contexto, a descrição da cidade, as indicações “fresco” e “viçoso” indiciavam, numa primeira leitura, interpretativa, poder tratar-se de «de buxo» e referir-se ao arbusto desse nome. No entanto, o recurso aos *Colóquios* de Garcia da Orta, a fonte seguida por Couto neste trecho, levou-nos a optar pela forma «debuxo», uma vez que este autor informa explicitamente tratar-se de «debuxo ou pintura».

Temos assim que para a edição dos textos de Couto é tarefa incontornável a sua colação com as fontes por ele utilizadas, obrigando o editor a trabalhos acrescidos. Este, com efeito, além de recensar os testemunhos da tradição directa, não pode furtar-se, já no campo da tradição

²⁸ M. Augusta Lima Cruz, «Introdução à edição da *Década Quarta*», *Década 4ª da Ásia* de Diogo do Couto, *ed. cit.*, vol. I, pp. CXL-CLXV.

indirecta, a alargar as suas pesquisas no sentido de localizar as obras alheias seguidas pelo autor. A tarefa, é verdade, encontra-se bastante facilitada desde que Rui Loureiro, na sua obra *A Biblioteca de Diogo do Couto*, detectou muitas dessas fontes usadas para as *Décadas da Ásia* e, como deixamos provado, implicitamente para a II parte do *Tratado dos Gama* e *Vida de D. Paulo de Lima Pereira*. Ressalve-se, no entanto, a probabilidade de, com um estudo mais minucioso e aprofundado de cada uma das obras de Couto, outros testemunhos dessa tradição venham a ser encontrados adormecidos em arquivos ou colectâneas documentais. Acrescente-se a esta tarefa o minucioso cotejo destes testemunhos / fontes com a correspondente narrativa de Couto. Trabalho penoso, tanto mais que ele nem sempre se aproveitava deles linearmente. E nem sequer são raras as situações onde o apanhamos a saltitar de um para outro, como comprova o excerto supratranscrito da I parte do *Tratado dos Gama*, quando intercala na sua composição passos colhidos ora na obra de João de Barros ora na de Damião de Góis.

O resultado desses trabalhos forçados impostos ao editor resulta, em muitos casos, enganosamente imperceptível, uma vez que o consequente levantamento de dados, não pertencendo à tradição directa, raramente tem direito a ser integrado no corpo de variantes do aparato crítico da edição. Surge, assim, remetido para uma segunda ordem de notas, reservadas a esclarecer passos obscuros, justificar opções de ortografia ou pontuação, chamar a atenção para possíveis lacunas de sentido, reforçar correcções de erros manifestos.